

TRADUÇÃO DO CONTO DE ANTON TCHEKHOV
“ЖЕНЫ АРТИСТОВ. (ПЕРЕВОД... С ПОРТУГАЛЬСКОГО)”
(MULHERES DE ARTISTAS. TRADUÇÃO DO... PORTUGUÊS)

Maria Helena Guimarães Ustimenko¹

ISCAP-P.PORTO

1. Introdução

O escritor e dramaturgo russo Anton Tchekhov (1860-1904) nasceu em Taganrog, uma cidade portuária da região de Rostov, Rússia, no seio de uma família com raízes camponesas. O seu avô, um servo camponês, tinha conseguido comprar a liberdade da família, o que permitiu a seu pai estabelecer-se como comerciante. O autor é, assim, como afirma Alexander Chudakov, “a first-generation intelectual” (2000, p. 3).

Desde cedo que o jovem Tchekhov teve de ajudar seu pai na loja, uma mercearia, onde se vendia todo o tipo de produtos, desde chá a arenques, velas e graxa e que era frequentada por um público muito heterogéneo, constituído por “shop assistants , the wives of officials, policemen, cab-drivers, fishermen, teachers, school students, and sailors” (Ibid., p. 5), o que lhe permitiu mergulhar no mundo fecundo dos diferentes linguajares regionais e sociais, conhecimento que acabará por utilizar proficuamente nas suas obras, nomeadamente nos seus contos de cariz humorístico.

Ainda a frequentar o ensino secundário, Tchekhov começa a escrever pequenas peças humorísticas que encenava para um público doméstico, adotando desde cedo o pseudónimo de Tchekhonte, com base na alcunha que lhe atribuíra um dos seus professores.

¹ ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6050-1443> Email: hcosta@iscap.ipp.pt

Entretanto, a loja de seu pai vai à falência e a família parte para Moscovo. Após terminar o ensino secundário em Taganrog, Tchekhov irá juntar-se a seus pais e irmãos na capital, matriculando-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo, em 1879.

Enquanto estudante, Tchekhov não pára de escrever, publicando os seus textos em diferentes revistas e jornais humorísticos. A história “Mulheres de Artistas. (Tradução... do português)” foi criada nesse período da sua vida. Escrita em 1880, ela irá ser publicada pela primeira vez em 7 de dezembro de 1880 sob o pseudónimo de “Don António Tchekhonte”, na sétima edição do jornal *Minuta / O Minuto*. É interessante notar que o título deste conto esconde uma referência intertextual direta à obra *Les femmes d’artistes* de Alphonse Daudet, um dos autores preferidos de Anton Tchekhov. Como bem refere Jacqueline de Proyart no seu artigo ‘Tchékhov et Daudet’, “Alphonse Daudet, admirateur de Tolstoï et de Dostoevski, (...) est sans doute l’écrivain français dont Anton Tchékhev se sent le plus proche en raison peut-être de cette commune enfance malheureuse qui les a tant marqués l’un et l’autre” (1992).

Tchekhov entra, assim, na literatura através de publicações em revistas ilustradas e jornais, direcionados para um público vasto e popular, sendo forçado a escrever sobre temas relacionados com situações quotidianas, geralmente cómicas.

Em outubro de 1882, o escritor e dramaturgo russo N. A. Leikin convida-o para colaborar na revista humorística de São Petersburgo *Oskolki/Fragmentos*, onde rapidamente se tornará no autor principal, publicando mais de duzentas histórias no período entre 1882 e 1887. A partir de 1883, o género principal de Tchekhov passa a ser o *sketch*, história curta, muitas vezes anedótica, construída sobre o diálogo de duas ou mais personagens. Os heróis são, por regra, pessoas comuns, retratadas no ambiente quotidiano (e.g., na carruagem do comboio, no consultório médico, na pesca), e imersas em preocupações momentâneas, que se apresentam como constituindo a essência da sua existência. Tchekhov consegue superar os *clichés* próprios deste género literário, criando uma série de obras-primas: histórias de

funcionários, como, por exemplo, “O Gordo e o Magro” e “Morte de um Funcionário”, criticando o servilismo exorbitante do zé-ninguém em relação a superiores hierárquicos ou representantes de classes sociais mais elevadas. O humorista Tchekhov retrata o papel social dos seus heróis, pelo que as referências ao seu estatuto social, profissão, família e situação patrimonial estão sempre presentes, sendo, muitas vezes, a única característica dos heróis. Nas suas histórias, o escritor mostra a vulnerabilidade do sistema de relações sociais instituído, bem como a ordem simbólica associada à palavra e à ação. Os heróis tentam permanecer dentro dos limites prescritos, mas o resultado é ou nulo, ou o oposto do desejado.

A publicação, em 1888, do livro *Estepe* marca a entrada do autor no mundo da grande literatura. Seguidamente, com o intuito de escrever “pelo menos 100 ou 200 páginas, pagando com isso um pequeno tributo à minha medicina”² (Tchekhov, 1890), o autor parte para a Ilha de Sacalina, conhecida, então, pelas condições desumanas da sua colónia penitenciária. Esta viagem irá deixar uma marca indelével na sua consciência criativa. Nos anos que se seguem, o autor irá publicar obras impregnadas de um intenso realismo crítico como, e.g., o livro de ensaios *Ilha de Sacalina e Enfermaria Nº 6*.

A partir de 1893, inicia-se uma nova fase na escrita de Tchekhov, coroada por obras como a peça de teatro *A Gaivota*, o conto *Dama do Cachorrinho* e a coleção de histórias *Os mujiques*, onde o autor revela a verdade da vida em toda a sua nudez. A elas seguir-se-ão *Tio Vânia*, *As Três Irmãs* e *O Jardim das Cerejeiras*, peças constantemente levadas à cena, desde então, nos palcos mundiais.

No pico da sua maturidade artística, a atenção do escritor concentrar-se-á mormente na vida de dois grupos motores da sociedade: a intelligentsia e o povo. O tema da indiferença, tão do apreço de Tchekhov, desenvolve-se agora de duas maneiras diferentes: o herói é ou

² Texto original (ГО): “Я хочу написать хоть 100—200 страниц и этим немножко заплатить своей медицине”.

um homem educado, fechado na sua concha, ou um homem do povo, torturado pela vida e levado à estupidez e à indiferença.

A desunião da intelligentsia e do povo é um dos temas transversais a quase todas as obras deste período. Em carta a I. Orlov (1889), Tchekhov afirma não acreditar na intelligentsia russa, que classifica de “hipócrita, falsa, histérica, mal-educada e preguiçosa”³, sendo contra a divisão das pessoas em classes e grupos sociais, afirmando que “nenhuma divisão é válida, porquanto todos nós somos povo e tudo o que fazemos de melhor é obra do povo”⁴ (1974, p. 7).

A sua obra, vasta e profícua, continua a atrair a atenção de leitores e espectadores de todo o mundo. Como afirma Rose Whyman, “his outlook on life, his deep insight into human beings, together with his humorous and compassionate approach as expressed in his art, continue to prompt audiences and readers into new considerations of the questions he asked about life” (2011, p. 25).

2. Texto original

ЖЕНЫ АРТИСТОВ

(ПЕРЕВОД... С ПОРТУГАЛЬСКОГО)

Свободнейший гражданин столичного города Лиссабона, Альфонсо Зинзага, молодой романист, столь известный... только самому себе и подающий великие надежды... тоже самому себе, утомленный целодневным хождением по бульварам и редакциям и голодный, как самая голодная собака, пришел к себе домой. Обитал он в 147 номере гостиницы, известной в одном из его романов под именем гостиницы «Ядовитого лебедя». Вошедши в 147 номер, он окинул взглядом свое коротенькое, узенькое и невысокое жилище, покрутил носом и зажег свечу, после чего взорам его

³ ТО: “лицемерную, фальшивую, истеричную, невоспитанную, ленивую”.

⁴ТО: “ни одно деление не годно, ибо все мы народ и все то лучшее, что мы делаем, есть дело народное”.

представилась удивительная картина. Среди массы бумаг, книг, прошлогодних газет, ветхих стульев, сапог, халатов, кинжалов и колпаков, на маленькой, обитой сизым коленкором кушетке спала его хорошенькая жена, Амаранта. Умиленный Зинзага подошел к ней и, после некоторого размышления, дернул ее за руку. Она не просыпалась. Он дернул ее за другую руку. Она глубоко вздохнула, но не проснулась. Он похлопал ее по плечу, постукал пальцем по ее мраморному лбу, потрогал за башмак, рванул за платье, чхнул на всю гостиницу, а она... даже и не пошевелилась.

«Вот спит-то! — подумал Зинзага. — Что за чёрт? Не приняла ли она яду? Моя неудача с последним романом могла сильно повлиять на нее...»

И Зинзага, сделав большие глаза, потряс кушетку. С Амаранты медленно сползла какая-то книга и, шелестя, шлепнулась об пол. Романист поднял книгу, раскрыл ее, взглянул и побледнел. Это была не какая-то и отнюдь не какая-нибудь книга, а его последний роман, напечатанный на средства графа дон Барабанта-Алимонда, — роман «Колесование в Санкт-Московске сорока четырех двадцатиженцев», роман, как видите, из русской, значит самой интересной жизни — и вдруг...

— Она уснула, читая мой роман!?! — прошептал Зинзага. — Какое неуважение к изданию графа Барабанта-Алимонда и к трудам Альфонсо Зинзаги, давшего ей славное имя Зинзаги!

— Женщина! — гаркнул Зинзага во всё свое португальское горло и стукнул кулаком о край кушетки.

Амаранта глубоко вздохнула, открыла свои черные глаза и улыбнулась.

— Это ты, Альфонсо? — сказала она, протягивая руки.

— Да, это я!.. Ты спишь? Ты... спишь?.. — забормотал Альфонсо, садясь на дрябло-хилый стул. — Что ты делала перед тем, как уснула?

— Ходила к матери просить денег.

— А потом?

— Читала твой роман.

— И уснула? Говори! И уснула?

— И уснула... Ну, чего сердишься, Альфонсо?

— Я не сержусь, но мне кажется оскорбительным, что ты так легкомысленно относишься к тому, что если еще и не дало, то даст мне славу! Ты уснула, потому что читала мой роман! Я так понимаю этот сон!

— Полно, Альфонсо! Твой роман я читала с большим наслаждением... Я приковалась к твоему роману. Я... я... Меня особенно поразила сцена, где молодой писатель, Альфонсо Зензег, застреливается из пистолета...

— Эта сцена не из этого романа, а из «Тысячи огней»!

— Да? Так какая же сцена поразила меня в этом романе? Ах, да... Я плакала на том месте, где русский маркиз Иван Иванович бросается из ее окна в реку... реку... Волгу.

— Ааааа... Гм!

— И утопает, благословляя виконтессу Ксению Петровну... Я была поражена...

— Почему же ты уснула, если была поражена?

— Мне так хотелось спать! Я ведь всю ночь прошлую не спала. Всю ночь напролет ты был так мил, что читал мне свой новый, хороший роман, а удовольствие слушать тебя я не могла променять на сон...

— Ааааа... Гм... Понимаю! Дай мне есть!

— А разве ты еще не обедал?

— Нет.

— Ты же, уходя утром, сказал мне, что будешь сегодня обедать у редактора «Лиссабонских губернских ведомостей»?

— Да, я полагал, что мое стихотворение будет помещено в этих «Ведомостях», чтобы чёрт их взял!

— Неужели же не помещено?

— Нет...

— Это несчастье! С тех пор, как я стала твоей, я всей душой ненавижу редакторов! И ты голоден?

— Голоден.

— Бедняжка Альфонсо! И денег у тебя нет?

— Гм... Что за вопрос?! Ничего нет поесть?

— Нет, мой друг! Мать меня только покормила, а денег мне не дала.

— Гм...

Стул затрещал. Зинзага поднялся и зашагал... Пошагав немного и подумав, он почувствовал сильнейшее желание во что бы то ни стало убедить себя в том, что голод есть малодушие, что человек создан для борьбы с природой, что не единым хлебом сыт будет человек, что тот не артист, кто не голоден, и т. д., и, наверное, убедил бы себя, если бы, размышляя, не вспомнил, что рядом с ним, в 148 номере «Ядовитого лебедя», обитает художник-жанрист, итальянец, Франческо Бутронца, человек талантливый, кое-кому известный и, что так немаловажно под луной, обладающий умением, которого никогда не знал за собой Зинзага, — ежедневно обедать.

— Пойду к нему! — решил Зинзага и отправился к соседу.

Вошедши в 148 номер, Зинзага увидел сцену, которая привела его в восторг, как романиста, и ущемила за сердце, как голодного. Надежда пообедать в обществе Франческо Бутронца канула в воду, когда романист среди рамок, подрамников, безруких манекенов, мольбертов и стульев, увешанных полинялыми костюмами всех родов и веков, усмотрел своего друга, Франческо Бутронца... Франческо Бутронца, в шляпе à la Vandic и в костюме Петра Амьенского, стоял на табурете, неистово махал муштабелем и гремел. Он был более чем ужасен. Одна нога его стояла на табурете, другая на столе. Лицо его горело, глаза блестели, эспаньолка дрожала, волосы его

стояли дыбом и каждую минуту, казалось, готовы были поднять его шляпу на воздух. В углу, прижавшись к статуе, изображающей безрукого, безносого, с большим угловатым отверстием на груди Аполлона, стояла жена горячего Франческо Бутронца, немочка Каролина, и с ужасом смотрела на лампу. Она была бледна и дрожала всем телом.

— Варвары! — гремел Бутронца. — Вы не любите, а душите искусство, чтобы чёрт вас взял! И я мог жениться на тебе, немецкая холодная кровь?! И я мог, глупец, свободного, как ветер, человека, орла, серну, одним словом, артиста, привязать к этому куску льда, сотканному из предрассудков и мелочей... Diabolo!!! Ты лед! Ты — деревянная, каменная говядина! Ты... ты дура! Плачь, несчастная, переваренная немецкая колбаса! Муж твой — артист, а не торгош! Плачь, пивная бутылка! Это вы, Зинзага? Не уходите! Подождите! Я рад, что вы пришли... Посмотрите на эту женщину!

И Бутронца левой ногой указал на Каролину. Каролина заплакала.

— Полноте! — начал Зинзага. — Что вы ссоритесь, дон Бутронца? Что сделала вам донна Бутронца? Зачем вы доводите ее до слез? вспомните вашу великую родину, дон Бутронца, вашу родину, страну, в которой поклонение красоте тесно связано с поклонением женщине! вспомните!

— Я возмущен! — закричал Бутронца. — Вы войдите в мое положение! Я, как вам известно, принялся по предложению графа Барабанта-Алимонда за грандиозную картину... Граф просил меня изобразить ветхозаветную Сусанну... Я прошу ее, вот эту толстую немку, раздеться и стать мне на натуру, прошу с самого утра, ползаю на коленях, выхожу из себя, а она не хочет! Вы войдите в мое положение! Могу ли я писать без натур?

— Я не могу! — зарыдала Каролина. — Ведь это неприлично!

— Видите? Видите? Это оправдание, чёрт возьми?

— Я не могу! Честное слово, не могу! Велит мне раздеться да еще стать у окошка...

— Мне так нужно! Я хочу изобразить Сусанну при лунном свете! Лунный свет падает ей на грудь... Свет от факелов сбежавшихся фарисеев бьет ей в спину... Игра цветов! Я не могу иначе!

— Ради искусства, донна, — сказал Зинзага, — вы должны забыть не только стыдливость, но и все... чувства!..

— Не могу же я пересилить себя, дон Зинзага! Не могу же я стать у окна напоказ!

— Напоказ... Право, можно подумать, донна Бутронца, что вы боитесь глаз толпы, которая, так сказать, если смотреть на нее... Точка зрения искусства и разума, донна... такова, что...

И Зинзага сказал что-то такое, чего умному человеку нельзя ни в сказке сказать, ни пером написать, — что-то весьма приличное, но крайне непонятное.

Каролина замахала руками и забегала по комнате, как бы боясь, чтобы ее насильно не раздели.

— Я мою его кисти, палитры и тряпки, я пачкаю свои платья о его картины, я хожу на уроки, чтобы прокормить его, я шью для него костюмы, я выношу запах конопляного масла, стою по целым дням на натуре, всё делаю, но... голой? голой? — не могу!!!

— Я разведусь с тобой, рыжеволосая гарпигия! — крикнул Бутронца.

— Куда же мне деваться? — ахнула Каролина. — Дай мне денег, чтобы я могла доехать до Берлина, откуда ты увез меня, тогда и разводишься!

— Хорошо! Кончу Сусанну и отправлю тебя в твою Пруссию, страну тараканов, испорченных колбас и трихины! — крикнул Бутронца, незаметно для самого себя толкая локтем в грудь Зинзагу. — Ты не можешь быть моей женой, если не можешь жертвовать собою для искусства! Вввв... Ррр... Дьябло!

Каролина зарыдала, ухватилась за голову и опустилась на стул.

— Что ты делаешь? — заорал Бутронца. — Ты села на мою палитру!!

Каролина поднялась. Под ней действительно была палитра со свежеразведенными красками... О, боги! Зачем я не художник? Будь я художником, я дал бы Португалии великую картину! Зинзага махнул рукой и выскочил из 148 номера, радуясь, что он не художник, и скорбя всем сердцем, что он романист, которому не удалось пообедать у художника.

У дверей 147 номера его встретила бледная, встревоженная, дрожащая жилица 113 номера, жена будущего артиста королевских театров, Петра Петрученца-Петрурио.

— Что с вами? — спросил ее Зинзага.

— Ах, дон Зинзага! У нас несчастье! Что мне делать? Мой Петр ушибся!

— Как ушибся?

— Учился падать и ударился виском о сундук.

— Несчастный!

— Он умирает! Что мне делать?

— К доктору, донна!

— Но он не хочет доктора! Он не верит в медицину и к тому же... он всем докторам должен.

— В таком случае сходите в аптеку и купите свинцовой примочки. Эта примочка очень помогает при ушибах.

— А сколько стоит эта примочка?

— Дешево, очень дешево, донна.

— Благодарю вас. Вы всегда были хорошим другом моего Петра! У нас осталось еще немного денег, которые выручил он на любительском спектакле у графа

Барабанта-Алимонда... Не знаю, хватит ли?.. Вы... вы не можете дать немного взаймы на эту оловянную примочку?

— Свинцовую, донна.

— Мы вам скоро отдадим.

— Не могу, донна. Я истратил свои последние деньги на покупку трех стоп бумаги.

— Прощайте!

— Будьте здоровы! — сказал Зинзага и поклонился.

Не успела отойти от него жена будущего артиста королевских театров, как он увидел перед собою жилищу 101 номера, супругу опереточного певца, будущего португальского Оффенбаха, виолончелиста и флейтиста Фердинанда Лай.

— Что вам угодно? — спросил он ее.

— Дон Зинзага, — сказала супруга певца и музыканта, ломая руки, — будьте так любезны, уймите моего буйна! Вы друг его... Может быть, вам удастся остановить его. С самого утра бессовестный человек дерет горло и своим пением жить мне не дает! Ребенку спать нельзя, а меня он просто на клочки рвет своим баритоном! Ради бога, дон Зинзага! Мне соседней даже стыдно за него... Верите ли? И соседские дети не спят по его милости. Пойдемте, пожалуйста! Может быть, вам удастся унять его как-нибудь.

— К вашим услугам, донна!

Зинзага подал жене певца и музыканта руку и отправился в 101 номер. В 101 номере между кроватью, занимающей половину, и колыбелью, занимающей четверть номера, стоял пропитр. На пропитре лежали пожелтевшие ноты, а в ноты глядел будущий португальский Оффенбах и пел. Трудно было сразу понять, что и как он пел. Только по вспотевшему, красному лицу его и по впечатлению, которое производил он на свои и чужие уши, можно было догадаться, что он пел и ужасно, и мучительно, и с остервенением. Видно было, что он пел и в то же время страдал. Он

отбивал правой ногой и кулаком такт, причем поднимал высоко руку и ногу, постоянно сбивал с пропитра ноты, вытягивал шею, щурил глаза, кривил рот, бил кулаком себя по животу... В колыбели лежал маленький человечек, который криком, визгом и писком сопровождал своего расходившемуся папаше.

— Дон Лай, не пора ли вам отдохнуть? — спросил Лая вошедший Зинзага.

Лай не слышал.

— Дон Лай, не пора ли вам отдохнуть? — повторил Зинзага.

— Уберите его отсюда! — пропел Лай и указал подбородком на колыбель.

— Что это вы разучиваете? — спросил Зинзага, стараясь перекричать Лая. —

Что вы разу-чи-ва-ете?

Лай поперхнулся, замолк и уставил глаза на Зинзагу.

— Вам что угодно? — спросил он.

— Мне? Гм... Я... то есть... не пора ли вам отдохнуть?

— А вам какое дело?

— Но вы утомились, дон Лай! Что это вы разучиваете?

— Кантату, посвященную ее сиятельству графине Барабанта-Алимонда.

Впрочем, вам какое дело?

— Но уже ночь... Пора, некоторым образом, спать...

— Я должен петь до десяти часов завтрашнего утра. Сон нам ничего не даст.

Пусть спят те, кому угодно, а я для блага Португалии, а может быть и всего света, не должен спать.

— Но, мой друг, — вмешалась жена, — мне и ребенку нашему хочется спать! Ты так громко кричишь, что нет возможности не только спать, но даже сидеть в комнате!

— Коли захочешь, так заснешь!

Сказавши это, Лай ударил ногой такт и запел.

Зинзага заткнул уши и как сумасшедший выскочил из 101 номера. Пришедши в свой номер, он увидел умильную картину. Его Амаранта сидела за столом и переписывала начисто одну из его повестей. Из ее больших глаз капали на черновую тетрадку крупные слезы.

— Амаранта! — крикнул он, хватая жену за руку. — Неужели жалкий герой моей жалкой повести мог тронуть тебя до слез? Неужели, Амаранта?

— Нет, я плачу не над твоим героем...

— Чего же? — спросил разочарованный Зинзага.

— Моя подруга, жена твоего друга-скульптора, Софья Фердрабантеро-Неракруц-Розга, разбила статую, которую готовил ее муж для поднесения графу Барабанта-Алимонда, и... не перенесла горя мужа... Отравилась спичками!

— Несчастная... статуя! О, жены, чтобы чёрт вас взял, вместе с вашими всезащепляющими шлейфами! Она отравилась? Чёрт возьми, тема для романа!!! Впрочем, мелка!.. Всё смертно на этом свете, мой друг... Не сегодня, так завтра, не завтра, так послезавтра, твоя подруга, всё одно, должна была умереть... Утри свои слезы и лучше, чем плакать, выслушай меня...

— Тема для нового романа? — спросила тихо Амаранта.

— Да...

— Не лучше ли будет, мой друг, если я выслушаю тебя завтра утром? Утром мозги свежей как-то...

— Нет, сегодня выслушай. Завтра мне будет некогда. Приехал в Лиссабон русский писатель Державин, и мне нужно будет завтра утром сделать ему визит. Он приехал вместе с твоим любимым... к сожалению, любимым, Виктором Гюго.

— Да?

— Да... Выслушай же меня!

Зинзага сел против Амаранты, откинул назад голову и начал:

— Место действия весь свет... Португалия, Испания, Франция, Россия, Бразилия и т. д. Герой в Лиссабоне узнаёт из газет о несчастье с героиней в Нью-Йорке. Едет. Его хватают пираты, подкупленные агентами Бисмарка. Героиня — агент Франции. В газетах намеки... Англичане. Секта поляков в Австрии и цыган в Индии. Интриги. Герой в тюрьме. Его хотят подкупить. Понимаешь? Далее...

Зинзага говорил увлекательно, горячо, махая руками, сверкая глазами... говорил долго, долго... ужасно долго!

Амаранта два раза засыпала и два раза просыпалась, на улицах потушили фонари и взошло солнце, а он всё говорил. Пробило шесть часов, желудок Амаранты ущемила тоска по утреннем чае, а он всё говорил.

— Бисмарк подает в отставку, и герой, не желая долее скрывать своего имени, называет себя Альфонсо Зунзуга и умирает в страшных муках. Тихий ангел уносит в голубое небо его тихую душу...

Так кончил Зинзага, когда пробило семь часов.

— Ну? — спросил он Амаранту. — Что скажешь? Не находишь ли ты, что сцену между Альфонсо и Марией не пропустит цензура? А?

— Нет, сценка мила!

— Вообще хорошо? Ты говори откровенно. Ты женщина, а большинство моих читателей — женщины, потому мне необходимо знать твое мнение.

— Как тебе сказать? Мне кажется, что я твоего героя где-то уже встречала, не помню только, где именно...

— Не может быть!

— Право. С твоим героем я встречалась в одном романе, и, надо тебе сказать, в глупейшем романе! Когда читала этот роман, я удивлялась, как это могут печатать подобную чушь, а когда прочла его, то решила, что автор должен быть, по меньшей мере, глуп как пробка... Чушь печатают, а тебя мало печатают. Удивительно!

— Не припомнишь ли хотя название этого романа?

— Названия не помню, но имя героя помню. Это имя врезалось мне в память, потому что имеет в себе четыре «р» подряд... Глупое имя... Карррро!

— Не в романе ли «Сомнамбула среди океана»?

— Да, да, да, в этом самом. Как хорошо ты помнишь нашу литературу! В этом самом... Твой герой очень похож на Карррро, но твой, разумеется, умней. Что с тобой, Альфонсо?

Альфонсо вскочил.

— «Сомнамбула среди океана» — мой роман!!! — крикнул он.

Амаранта покраснела.

— Значит, это мой роман глупейший, мой? — крикнул он так громко, что даже у Амаранты заболело горло. — Ах, ты, безмозгая утка! Так-то вы, сударыня, смотрите на мои произведения? Так-то, ослица? Проговорились? Больше меня уж вы не увидите! Прощайте! Гм... бррр... идиотка! Мой роман глупейший?! Граф Барабанта-Алимонда знал, что издавал!

Бросив презрительный взгляд на жену, Зинзага нахлобучил на глаза шляпу, хлопнул дверью и вышел из 147 номера.

Амаранта вздохнула, но не заплакала и в обморок не упала. Она знала, что Альфонсо Зинзага воротится в 147 номер, как бы сильно ни был сердит. Оставить навсегда 147 номер для романиста значит то же самое, что начать жить, а следовательно, и писать и иметь даровую переписчицу на лиссабонских бульварах, под голубым португальским небом. Это знала Амаранта и не сильно волновалась по уходе супруга. Она только вздохнула и принялась утешать себя. Обыкновенно после частых ссор с мужем она утешала себя чтением старого газетного листка, который хранился у нее в жестяной коробочке из-под монпансье, рядом с крошечной бутылочкой из-под духов. Старый газетный листок между объявлениями,

телеграммами, политикой, хроникой и другими рук человеческих делами заключал в себе перл, известный в газетах под именем смеси. В этой смеси, под рассказом о том, как американец перехитрил американца и как известная певица мисс Дубадолла Свист съела бочку устриц и прошла, не замочив ботинок, Анды, помещался рассказец, весьма годный для утешения Амаранты и других жен артистов. Привожу дословно этот рассказ:

«Вниманию португальцев и их дочерей. В одном из городов Америки, открытой Христофором Колумбом, человеком крайне энергичным и отважным, жил-был себе доктор Таннер. Этот Таннер был более артистом в своем роде, чем ученым, а потому известен земному шару и Португалии не как ученый, а как артист в своем роде. Будучи американцем, он в то же самое время был и человеком, а если он был человеком, то рано или поздно он должен был влюбиться, что и сделал он однажды. Влюбился он в одну прекрасную американку, влюбился до безумия, как артист, влюбился до того, что однажды вместо aquae distillatae прописал argentum nitricum, — влюбился, предложил руку и женился. Жил он с прекрасной американкой на первых порах весьма счастливо, так счастливо, что медовый месяц⁴ тянулся, вопреки естеству этого месяца, не месяц, а шесть месяцев. Нет сомнения, что Таннер, будучи человеком ученым, а следовательно, и самым уживчивым, прожил бы с женой счастливо до самой могилы, если бы не усмотрел за нею одного страшного порока. Порок madame Таннер заключался в том, что она ела по-человечески. Этот порок жены кольнул Таннера в самое сердце. «Я перевоспитаю ее!» — задал он себе задачу и начал развивать m-me Таннер. Сперва отучил он ее завтракать и ужинать, потом чай пить. Через год после свадьбы m-me Таннер приготавливала к обеду уже не четыре, а только одно блюдо, через два же года после подписания свадебного контракта она умела уже довольствоваться баснословным количеством пищи. А именно, в одни сутки поедала и выпивала она следующее количество питательных веществ:

1 gr. солей
5 gr. белковых веществ
2 gr. жира
7 gr. воды (дистиллированной)
1/23 gr. венгерского вина.

Итого 15 1/23 гран.

Газов мы не считаем, потому что наука еще не в состоянии точно определять количеств потребляемых нами газов. Таннер торжествовал, но недолго. На четвертый год его брачной жизни его начала терзать мысль, что м-ме Таннер поедает много белковых веществ. Он еще с большей энергией принялся за дрессировку и, пожалуй, достиг бы сокращения 5 гран до одного или нуля, если бы не почувствовал, что он разлюбил свою жену. Будучи эстетиком, он не мог не разлюбить своей жены. М-ме Таннер, вместо того, чтобы до глубокой старости быть американской красавицей, вздумала ни с того ни с сего обратиться в подобие американской щепки, лишиться своих прекрасных форм и умственных способностей, чем и показала, что она хотя и годится еще для дальнейших дрессировок, но стала уже совершенно негодной для супружеской жизни. D-р Таннер потребовал развода. Явились в его дом ученые эксперты, осмотрели со всех сторон м-ме Таннер, посоветовали ей ехать на воды, делать гимнастику, прописали ей диету и нашли требование своего уважаемого коллеги вполне законным. D-р Таннер дал своим коллегам-экспертам по доллару, угостил их хорошим завтраком и... с этих пор Таннер живет в одном месте, а жена его в другом. Печальная история! Женщины, как часто вы бываете причиной несчастий великих людей! Женщины, не вы ли виновницы того, что великие люди очень часто не оставляют после себя потомства? Португальцы, на вашей совести лежит воспитание ваших дочерей! Не делайте из ваших дочерей разорительниц домашних очагов и гнезд!! Мы кончили. Завтрашний номер, по случаю дня рождения редактора, не

выйдет. Португалыцы! Кто из вас не внес подписных денег сполна, тот пусть поспешит доплатить!»

— Бедная m-me Таннер! — прошептала Амаранта, пробежав этот рассказец. — Бедная! Как она несчастлива! О, как я счастлива сравнительно с нею! Как я счастлива!

Амаранта, обрадованная тем, что есть на этом свете люди несчастнее ее, старательно сложила газетный лист, положила его в коробочку и, радуясь, что она не m-me Таннер, разделась и легла спать.

Спала она до тех пор, пока не разбудил ее ужаснейший голод в лице Альфонсо Зинзаги.

— Я хочу есть! — сказал Зинзага. — Оденься, моя дорогая, и ступай к своей madre за деньгами. À propos: я извиняюсь перед тобой. Я был неправ. Я сейчас только узнал от русского писателя Державина, который приехал вместе с Лермантофф, другим русским писателем, что есть два романа, совершенно не похожие друг на друга и носящие одно и то же имя: «Сомнамбула среди океана». Иди, мой друг!

И Зинзага рассказал Амаранте, пока она одевалась, один случай, который он намерен описать, сказав между прочим, мимоходом, что описание этого, трогательного за душу и тело, случая потребует у нее некоторой жертвы.

— Жертва, мой друг, будет невелика! — сказал он. — Ты должна будешь писать это описание под мою диктовку, что отнимет у тебя не более семи-восьми часов, и переписать его начисто и между прочим, этак мимоходом, изложить на бумаге и свое мнение относительно всех моих произведений... Ты женщина, а большинство моих читателей составляют женщины...

Зинзага немножко солгал. Не большинство, а всех его читателей составляла одна только женщина, потому что Амаранта была не «женщины», а только всего «женщина».

— Согласна?

— Да, — сказала тихо Амаранта, побледнела и упала без чувств на растрепанный, вечно валяющийся, пыльный энциклопедический словарь...

— Удивительный народ эти женщины! — воскликнул Зинзага. — Прав был я, когда назвал женщину в «Тысяче огней» существом, которое вечно будет загадкой и удивлением для рода человеческого! Малейшая радость способна повалить ее на пол! О, женские нервы!

И счастливый Зинзага опустился на колени перед несчастной Амарантой и поцеловал ее в лоб...

Такие-то дела, читательницы!

Знаете что, девицы и вдовы? Не выходите вы замуж за этих артистов! «Цур им и пек, этим артистам!», как говорят хохлы. Лучше, девицы и вдовы, жить где-нибудь в табачной лавочке или продавать гусей на базаре, чем жить в самом лучшем номере «Ядовитого лебедя», с самым лучшим протезе графа Барабанта-Алимонда.

3. Tradução

MULHERES DE ARTISTAS

O cidadão mais livre da capital de Lisboa, Afonso Zinzaga, um jovem romancista, bem conhecido apenas de si próprio e muito promissor..., apenas segundo o próprio, cansado de caminhar durante todo o dia por avenidas e redações e faminto como o mais esfomeado dos cães, chegou a casa. Ele morava no quarto 147 de um hotel, que ficou conhecido num dos seus romances como “Hotel do Cisne Venenoso”. Entrando no número 147, ele lançou um olhar breve à sua habitação acanhada, estreita e baixa, torceu o nariz e acendeu uma vela, após o que, diante dos seus olhos, surgiu um quadro comovente. Entre a massa de papéis, livros, jornais do ano anterior, cadeiras decrépitas, botas, roupões, punhais e barretes, num pequeno canapé, forrado a percalina de cor cinza azulado, dormia a sua linda esposa, Amaranta. Enternecido, Zinzaga aproximou-se dela e, após breve reflexão, puxou-lhe pela

mão. Ela não acordou. Puxou-lhe pela outra mão. Ela deu um profundo suspiro, mas não acordou. Deu-lhe uma palmadinha no ombro, bateu-lhe com o dedo na testa de mármore, tocou-lhe no botim, puxou-lhe pelo vestido, espirrou que se ouviu no hotel todo e ela... nem se mexeu.

“Dorme a bom dormir”, pensou Zinzaga. “Mas que raio? Será que ela tomou algum veneno? O fracasso do meu último romance poderá tê-la abalado muito...”.

E Zinzaga, arregalando os olhos, abanou o canapé. Um livro deslizou lentamente de Amaranta e, farfalhando, caiu ao chão. O romancista pegou no livro, abriu-o, olhou de relance e ficou pálido. Não era um livro qualquer, não era de modo algum um livro ao acaso, mas sim o seu último romance, impresso a expensas do Conde D. Barabanta-Alimonda, *Suplício da Roda de Quarenta e Quatro Homens Polígamos em Santa-Moscóvia*, um romance, como se pode ver, retirado da vida russa, isto é, de uma vida mais interessante e de repente...

— Ela adormeceu a ler o meu romance!?! – murmurou Zinzaga – Mas que desrespeito pela publicação do Conde de Barabanta-Alimonda e pelas obras de Afonso Zinzaga, que lhe deu o glorioso apelido de Zinzaga!

— Mulher! – gritou Zinzaga com toda a força da sua garganta portuguesa e bateu com o punho na borda do canapé.

Amaranta suspirou profundamente, abriu os seus olhos negros e sorriu.

— És tu, Afonso? – disse ela, estendendo as mãos.

— Sim, sou eu! Estás a dormir? Estás... a dormir? – balbuciou Afonso, sentando-se numa cadeira velha e pouco segura. — Que estavas a fazer antes de adormeceres?

— Fui pedir dinheiro à minha mãe.

— E depois?

— Estive a ler o teu romance.

— E adormeceste? Diz! E adormeceste?

— E adormeci... Por que estás zangado, Afonso?

— Não estou zangado, mas parece-me um insulto teres uma relação tão leviana para com aquilo que, se não me trouxe ainda, me trará glória! Adormeceste, porque estavas a ler o meu romance! É assim que eu entendo esse sono!

— Chega, Afonso! Eu estava a ler o teu romance com grande deleite. Eu fiquei presa ao teu romance. Eu... eu fiquei particularmente impressionada com a cena em que um jovem escritor, Afonso Zenzega, se suicida com um tiro de pistola....

— Essa cena não é desse romance, é de *Mil Paixões!*

— É? Mas qual foi então a cena que me impressionou neste romance? Ah, já sei... Eu chorei no ponto, em que o marquês russo Ivan Ivanovitch se atira da janela dela ao rio... ao rio... Volga.

— Ahhh... Hum!

— E afoga-se abençoando a viscondessa Ksenia Petrovna... Fiquei muito impressionada...

— E, então, por que adormeceste tu se estavas tão impressionada?

— Eu queria tanto dormir! É que eu não dormi durante toda a noite passada. Durante toda a noite, tu foste tão querido comigo ao ler para mim o teu novo e belo romance que eu não poderia trocar o prazer de te ouvir pelo sono...

— Ahhh... Hum... Percebi! Dá-me de comer!

— E tu ainda não almoçaste?

— Não.

— Mas tu, ao sair de manhã, disseste-me que hoje irias almoçar com o redator-chefe do jornal “Notícias do Distrito de Lisboa”?

— Sim, eu supus que o meu poema viesse a ser publicado nesta edição do “Notícias”. Malditos sejam!

— E não o publicaram?

— Não...

— Que desgraça! Desde que me tornei tua mulher que odeio todos esses redatores com toda a força da minha alma! E tu estás com fome?

— Estou.

— Meu pobre Afonso! Tens dinheiro?

— Hum... Mas que pergunta vem a ser essa?! Não há nada para comer?

— Não, meu amigo! A minha mãe só me deu de comer. Não me deu dinheiro.

— Hum...

A cadeira rangeu. Zinzaga levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro... Tendo andado um pouco, e depois de pensar, ele sentiu um fortíssimo desejo de se convencer a si próprio, custasse o que custasse, que fome era sinónimo de cobardia, que o ser humano tinha sido criado para lutar com a natureza, que o homem não se satisfaz só com pão, que não é artista, quem não tem fome, etc. e, provavelmente, ter-se-ia convencido disso, não fora ter-se lembrado, enquanto matutava, que, ao lado dele, no quarto 148 do “Cisne Venenoso”, vivia um pintor de género, um italiano, Francesco Butronza, homem talentoso, conhecido de alguns e que – o que não era de somenos importância neste mundo – dispunha da habilidade, que Zinzaga nunca tivera, de almoçar todos os dias.

— Vou ter com ele! – decidiu Zinzaga e dirigiu-se ao quarto do vizinho.

Entrando no número 148, Zinzaga deparou-se com uma cena que, como romancista, o arrebatou, mas que lhe comprimiu o coração de homem faminto. A esperança de almoçar na companhia de Francesco Butronza foi por água abaixo, quando o romancista, entre molduras, caixilhos, manequins sem braços, cavaletes e cadeiras, cobertas de trajes desbotados de todos os tipos e épocas, viu o seu amigo Francesco Butronza... Francesco Butronza, de chapéu *à la* Van Dick e trajando como Pedro de Amiens, de pé sobre um tamborete, agitando no ar o seu tento de pintura, rugia de fúria. O seu aspeto era assustador. Tinha um pé sobre um banco e outro sobre a mesa. A cara dele ardia, os olhos brilhavam, a pera tremia e os cabelos, em pé, pareciam ir levantar o chapéu no ar a qualquer momento.

A um canto, agarrada a uma estátua, representando Apolo sem braços, sem nariz e com um grande orifício anguloso no torso, estava a esposa do feroso Francesco Butronza, a alemãzinha Carolina, que olhava com horror para o candeeiro. Ela estava pálida e o seu corpo tremia todo.

— Bárbaros! – rugiu Butronza. Vocês não gostam de arte, vocês estrangulam-na. Para o diabo que vos leve! Como pude eu casar contigo, gélido sangue alemão?! E eu fui capaz, tolo que sou, pessoa livre como o vento, a águia, a gazela, em suma, um artista, de me ligar a este pedaço de gelo, feito de preconceitos e trivialidades... Diablob⁵!!! Tu és um pedaço de gelo! Tu és de madeira, tu, pedaço de carne empedernida! Tu... tu és uma idiota! Chora para aí, pobre salsicha alemã recozida! O teu marido é um artista, não um comerciante! Chora, garrafa de cerveja! É você, Zinzaga? Não vá embora! Espere! Ainda bem que veio... Olhe-me para esta mulher!

E Butronza apontou para Carolina com o pé esquerdo. Carolina pôs-se a chorar.

— Vá, tenha calma! – começou Zinzaga. — Por que discutem, D. Butronza? O que é que D.^a Butronza lhe fez? Por que a leva até às lágrimas? Lembre-se da sua grande pátria, D. Butronza, da sua pátria, um país onde o culto da beleza está intimamente ligada ao culto da mulher! Lembre-se!

— Estou indignado! – gritou Butronza. — Coloque-se na minha posição! Eu, como sabe, comecei, por sugestão do Conde Barabanta-Alimonda, um quadro grandioso... O Conde pediu-me para eu pintar a figura de Susana do Antigo Testamento... Eu peço aqui a esta alemã gorda para se despir e ser minha modelo. Desde esta manhã, que lhe estou a pedir, que rastejo de joelhos, que me sinto enlouquecer e ela não quer! Coloque-se na minha posição! Será que posso pintar sem modelo?

— Não posso! – disse Carolina em pranto. — Isso é indecoroso!

⁵ [NdT] Em espanhol, no original.

— Está a ver? Está a ver? É isto uma desculpa, que diabo?

— Não posso! Palavra de honra que não posso! Manda-me despir e ainda por cima ficar junto à janela...

— Mas eu preciso que seja assim! Quero representar Susana ao luar! A luz da lua cai no seu peito... a luz das tochas dos fariseus fugitivos bate-lhe nas costas... O Jogo das cores! Não posso fazer de outra maneira!

— Pela arte, Dona, disse Zinzaga — deve esquecer não só o pudor, mas também todos os... sentimentos!...

— Não consigo ultrapassar isso, D. Zinzaga! Não consigo ficar à mostra à janela!

— À mostra... Bom, até dá para pensar, D.^a Butronza, que tem medo dos olhos da multidão, que, a bem dizer, se olhar para ela... O ponto de vista da arte e da razão, Dona, é que...

E Zinzaga disse algo que um homem inteligente não pode nem dizer num conto de fadas, nem escrever com uma pena, algo muito decente, mas extremamente incompreensível.

Carolina acenou com as mãos e correu pelo quarto, como se temesse ser despida à força.

— Eu lavo-lhe os pincéis, as paletas e os farrapos, eu sujo os vestidos nas suas pinturas, vou às aulas para o alimentar, faço-lhe os fatos, suporto o cheiro do óleo de cânhamo, eu passo dias inteiros a posar, eu faço tudo, mas... nua? Nua? Não consigo!!!

— Vou divorciar-me de ti, harpia ruiva! — gritou Butronza.

— E para onde hei de ir? - exclamou, Carolina. — Dá-me dinheiro para eu ir até Berlim, de onde me trouxeste, e depois divorcia-te!

— Está bem! Termino a Susana e mando-te logo para a tua Prússia, país de baratas, salsichas estragadas e vermes! — gritou Butronza impercetivelmente para si próprio,

empurrando o peito de Zinzaga com o cotovelo. Tu não podes ser minha esposa, se não te podes sacrificar pela arte! Mmm... rr... Diablob⁶

Carolina desfez-se em pranto, agarrou a cabeça com as mãos e deixou-se cair numa cadeira.

— Que estás tu a fazer? – gritou Butronza. — Sentaste-te em cima da minha paleta!!

Carolina levantou-se. Debaixo dela estava uma paleta com cores recém-diluídas... Oh, deuses! Por que não sou eu pintor? Se eu fosse um artista, daria a Portugal um grande quadro! Zinzaga acenou com a mão e saiu do quarto 148, feliz por não ser pintor e lamentando de todo o coração ser um romancista que não conseguiu almoçar com o artista.

À porta do quarto 147, ele foi acolhido pela pálida, ansiosa e trémula hóspede do quarto 113, a esposa do futuro artista de teatros reais, Pedro Petručenja-Petrúrio.

— Que se passa consigo? – perguntou-lhe Zinzaga.

— D. Zinzaga! Aconteceu-nos uma desgraça! Que devo fazer? O meu Pedro magoou-se!

— Como é que se magoou?

— Estava a aprender a cair e bateu com a têmpera na arca.

— Coitado!

— Ele está a morrer! Que faço eu?

— Deve ir ao médico!

— Mas ele não quer um médico! Ele não acredita na medicina e, além disso, ele deve dinheiro a todos os médicos.

— Nesse caso, vá à farmácia e compre uma solução végeto-mineral de chumbo. É uma solução que ajuda muito no caso de contusões.

— E quanto custa essa solução?

⁶ [NdT] Em espanhol, no original.

— É barata, muito barata.

— Obrigada. O senhor sempre foi um bom amigo do meu Pedro! Ainda temos um pouco de dinheiro que ele ganhou num espetáculo amador em casa do Conde Barabanta-Alimonda... Não sei, será suficiente?... Não pode emprestar-me algum dinheiro para esta solução de estanho?

— De chumbo.

— Nós devolver-lho-emos depressa.

— Não posso. Gastei o meu último dinheiro a comprar três resmas de papel.

— Adeus!

— Fiquem bem! – disse Zinzaga, fazendo uma vénia.

Mal acabara de se afastar a esposa do futuro artista de teatros reais, ele viu diante de si a moradora do quarto 101, a esposa do cantor de opereta e futuro Offenbach português, o violoncelista e flautista Ferdinand Lai.

— Que deseja? – perguntou-lhe ele.

— D. Zinzaga, disse a esposa do cantor e músico, torcendo as mãos, – tenha a bondade de acalmar o meu desordeiro! O senhor é amigo dele. Talvez consiga fazê-lo parar. Desde esta manhã, que este homem sem escrúpulos puxa pela garganta e não me dá sossego com o seu canto! O bebé não pode dormir e a mim dilacera-me com a sua voz de barítono! Pelo amor de Deus, D. Zinzaga! Por causa dele eu até tenho vergonha dos vizinhos. Acredita? E, graças a ele, os filhos dos vizinhos não dormem. Venha, por favor! Talvez o consiga acalmar de alguma maneira.

— Ao seu dispor!

Zinzaga deu a mão à esposa do cantor e músico, indo para o quarto 101, onde, entre a cama, que ocupava metade do quarto, e o berço, que ocupava um quarto da divisão, estava uma estante de música. No suporte de partituras estavam notas amareladas, para onde estava a olhar o futuro Offenbach português, enquanto cantava. Era difícil perceber o quê e como

ele cantava. Só pelo seu rosto vermelho e suado, e pela impressão que ele produzia nos ouvidos dele e dos outros, era possível adivinhar que ele cantava horrivelmente, penosamente e com fúria. Era visível que ele cantava e sofria ao mesmo tempo. Ele batia o ritmo com o pé direito e o punho, sendo que levantava bem alto a mão e o pé, fazia cair constantemente as notas da estante de música, esticava o pescoço, apertava os olhos, torcia a boca e dava murros na barriga... No berço estava deitado um pequenino ser que, com gritos, chilros e balbucios, acompanhava o seu pai exaltado.

— D. Lai, não estará na hora de descansar? – perguntou Zinzaga a Lai, ao entrar.

Lai não ouviu.

— D. Lai, não estará na hora de descansar? – repetiu Zinzaga.

— Tire-o daqui! – cantarolou Lai e apontou com o queixo para o berço.

— O que está a ensaiar? – perguntou Zinzaga, tentando gritar mais alto do que Lai. —

O que é que está a en-sai-ar?

Lai engasgou-se, calou-se e fixou os olhos em Zinzaga.

— Quer alguma coisa? – perguntou ele.

— Eu? Hum... Eu... quer dizer... não será hora de descansar?

— E que tem a ver com isso?

— Mas está cansado, D. Lai! O que está a ensaiar?

— Uma cantata dedicada a Sua Excelência, a Condessa de Barabanta-Alimonda. De resto, o que tem a ver com isso?

— Mas já é noite... De certa forma, já é hora de dormir...

— Tenho de cantar até às dez da manhã de amanhã. O sono nada nos dá. Quem quiser que durma, mas eu, para bem de Portugal e talvez de todo o mundo, tenho por obrigação não dormir.

— Mas, meu amigo, interrompeu a mulher, — eu e o nosso bebé queremos dormir! Tu gritas tão alto que não é possível nem dormir, nem sequer estar sentado no quarto!

— Se tiveres vontade, até adormeces!

Tendo dito isto, Lai bateu o ritmo com o pé e pôs-se a cantar.

Zinzaga tapou os ouvidos, saindo como um louco do quarto 101. Ao chegar ao seu quarto, viu um quadro comovente. A sua Amaranta estava sentada à mesa e passava a limpo uma das suas novelas. Grandes lágrimas corriam dos seus grandes olhos para o caderno de rascunhos.

— Amaranta! – gritou ele, agarrando a mão da sua esposa. Mas será possível que o triste herói do meu triste romance te tenha tocado até às lágrimas? Será, Amaranta?

— Não, não estou a chorar pelo teu herói...

— Porquê, então? – perguntou Zinzaga desiludido.

— A minha amiga, esposa do teu amigo escultor, Sofia Ferdrabantero-Nerakrutz-Rosga, partiu uma estátua que o seu marido estava a preparar para oferecer ao Conde Barabanta-Alimonda e... não suportando o desgosto do marido, envenenou-se com fósforos!

— Pobre... estátua! Oh, mulheres, que o diabo vos leve, juntamente com as caudas dos vossos vestidos que se agarram a tudo! Ela envenenou-se? Raios, isso é tema de romance!!! Aliás, sem grande valor!... Tudo é mortal neste mundo, minha amiga... Se não for hoje, será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, a tua amiga, seja como for, teria de morrer... Enxuga as tuas lágrimas e, melhor do que chorar, ouve-me com atenção...

— Um tema para um novo romance? – perguntou Amaranta em voz baixa.

— Sim...

— Não seria melhor, meu amigo, se eu te ouvisse amanhã de manhã? De manhã, a cabeça está mais fresca...

— Não, vais ouvir-me hoje. Amanhã não terei tempo. O escritor russo Derzhavin⁷ chegou a Lisboa e amanhã de manhã tenho de lhe fazer uma visita. Ele chegou acompanhado do teu amado... infelizmente tão amado, Victor Hugo.

— Sim?

— Sim... Ouve-me!

Zinzaga sentou-se em frente de Amaranta, inclinou a cabeça para trás e começou a falar.

— O local da ação é todo o mundo... Portugal, Espanha, França, Rússia, Brasil, etc. O herói, em Lisboa, toma conhecimento, pelos jornais, da desgraça que atingiu a heroína em Nova Iorque. Ele parte em viagem e é capturado por piratas subornados por agentes de Bismarck. A heroína é uma agente da França. Nos jornais surgem alusões... Os ingleses. Uma seita de polacos na Áustria e ciganos na Índia. Intrigas. O herói está na prisão. Querem suborná-lo. Entendes? Em seguida...

Zinzaga falava entusiasmadamente, com fervor, agitando as mãos e com os olhos a reluzir... E falou durante muito, muito tempo, durante mesmo muito tempo!

Amaranta adormeceu duas vezes e duas vezes acordou, as lanternas das ruas foram apagadas, o sol nasceu e ele ainda falava. Quando batiam as seis horas, o estômago de Amaranta foi apertado pelo desejo do chá da manhã e ele ainda falava.

— Bismarck renuncia ao cargo e o herói, não querendo esconder mais o seu nome, diz ser Afonso Zunzuga e morre debaixo de terríveis tormentos. Um anjo silencioso leva a sua silenciosa alma para o céu azul...

E foi assim que Zinzaga terminou quando soavam as sete horas.

— Então? – perguntou ele a Amaranta. — Que dizes? Será que a cena entre Afonso e Maria não vai passar na censura? ã?

⁷ [NdT] Gabriel Derzhavin, poeta e dramaturgo russo do séc. XVIII.

— Não, a cenazinha é bonita!

— Está mesmo bem? Diz com franqueza. Tu és uma mulher, e a maioria dos meus leitores são mulheres, por isso preciso de saber a tua opinião.

— Como hei de eu dizer? Parece-me que já encontrei o teu herói algures, só não me lembro exatamente onde...

— Não pode ser!

— A sério. Encontrei o teu herói num romance e, devo dizê-lo, num romance muito estúpido! Quando lia esse romance, perguntei-me como era possível publicar um disparate daqueles e, quando acabei de o ler, concluí que o autor devia ser, no mínimo, burro como uma porta... Publicam disparates, só a ti mal te publicam. É espantoso!

— Lembras-te do nome desse romance?

— Não me lembro do nome, mas recordo-me do nome do herói. Esse nome ficou-me gravado na memória, pois tem quatro “r” seguidos... É um nome estúpido... Carrrrro!

— Não terá sido no romance *Um Sonâmbulo no Meio do Oceano*?

— Sim, sim, sim, foi nesse mesmo. Como te lembras bem da nossa literatura! Foi nesse mesmo... O teu herói é muito parecido com o Carrrrro, mas o teu, claro, é mais inteligente. O que tens, Afonso?

Afonso ergueu-se de um salto.

— *Um Sonâmbulo no Meio do Oceano* é um romance meu!!! – gritou ele.

Amaranta corou.

— Com que então esse meu romance é muito estúpido, é isso? – gritou ele tão alto que até Amaranta ficou mal da garganta. — Ah sua pata desmiolada! É assim que a senhora olha para as minhas obras? É assim, minha burra? Descaiu-se, foi? Nunca mais me vai ver! Adeus! Apre... que idiota! Com que então o meu romance é muito estúpido?! O Conde Barabanta-Alimonda sabia o que publicava!

Lançando um olhar desdenhoso à esposa, Zinzaga enterrou o chapéu na cabeça até aos olhos, bateu com a porta e saiu do quarto 147.

Amaranta suspirou, mas não desatou a chorar, nem desmaiou. Ela sabia que Afonso Zinzaga voltaria para o quarto 147, por mais irritado que estivesse. Deixar para sempre o quarto 147, para o romancista significava o mesmo que recomeçar a viver e, conseqüentemente, a escrever e a precisar de uma escrevente de graça nos bulevares de Lisboa, sob o céu azul português. Amaranta sabia disso e não ficou muito preocupada com a saída do marido. Ela apenas deu um suspiro, começando a consolar-se a si própria. Normalmente, depois de muitas brigas com o marido, ela consolava-se com a leitura de uma velha folha de jornal que tinha guardada numa caixinha metálica de rebuçados *Montpensier*, ao lado de um minúsculo frasquinho de perfume. A velha folha de jornal, entre anúncios, telegramas, política, crónicas e outros assuntos do foro humano, continha uma pérola, conhecida nos jornais como miscelânea. Nessa miscelânea, a seguir à história de como um americano enganara outro americano e de como a famosa cantora Miss Dubadolla Swist havia comido um barril de ostras e atravessado os Andes sem molhar os botins, aparecia publicado um pequeno conto muito útil para confortar Amaranta e outras mulheres de artistas. Transcrevo aqui textualmente esse conto:

“À atenção dos portugueses e de suas filhas. Numa das cidades da América, descoberta por Cristóvão Colombo, vivia outrora um homem extremamente enérgico e corajoso, o Dr. Tanner. Este Tanner era mais uma espécie de artista do que um cientista e, como tal, era conhecido em todo o mundo, e em Portugal, não como cientista, mas sim, como uma espécie de artista. Sendo americano, ele era ao mesmo tempo um homem e, se ele era um homem, mais cedo ou mais tarde, ele teria de se apaixonar, o que ele fez certa vez. Apaixonou-se ele por uma bela americana, apaixonou-se loucamente como um artista, apaixonou-se ao ponto

de, um dia, prescrever *argentum nitricum*⁸, em lugar de *aquae distillatae*⁹. Apaixonou-se, pediu-a em casamento e casou-se. De início, ele vivia muito feliz com a bela americana, tão feliz que a lua-de-mel durou, contrariamente ao que era habitual, não um mês, mas sim seis meses. Não há dúvida que Tanner, sendo um homem da ciência e, portanto, de muito bom trato, teria vivido feliz com a sua esposa até à morte, não fora ter notado nela um terrível vício. O vício de Madame Tanner consistia em comer como um ser humano. Este vício da esposa cravou um espinho no coração de Tanner. ‘Vou reeducá-la!’ – e colocando-se a si próprio essa missão, começou a educar Mme. Tanner. Primeiro, ele ensinou-a a perder o hábito de tomar o pequeno-almoço, bem como de jantar depois de tomar o chá. Um ano após o casamento, Mme. Tanner preparava para o almoço já não quatro pratos, mas sim um e, dois anos após a assinatura do contrato matrimonial, ela já sabia satisfazer-se com uma quantidade ínfima de comida. Mais precisamente, ela comia e bebia por dia a seguinte quantidade de nutrientes:

1 gr. de sal

5 gr. de proteínas

2 gr. de gordura

7 gr. de água (destilada)

1/23 gr. de vinho húngaro

Total 15 1/23 grãos¹⁰.

Não contamos aqui os gases, porque a ciência ainda não é capaz de determinar com precisão a quantidade de gases que consumimos. Tanner sentiu-se vitorioso, mas não por muito tempo. No quarto ano da sua vida de casado, ele começou a ser atormentado pela ideia que Mme. Tanner comia muitas proteínas. Ele recomeçou, então, o seu adestramento

⁸ [NdT] *Argentum nitricum*, nitrato de prata. Em latim, no original.

⁹ [NdT] *Aquae distillatae*, água destilada. Em latim, no original.

¹⁰ [NdT] O peso equivalente a um grão é 0,06 g.

com mais energia ainda e talvez tivesse conseguido reduzir de 5 grãos para um ou zero, se não tivesse sentido que havia deixado de amar a esposa. Como esteta que era, outra coisa não podia ele fazer senão deixar de amar a esposa. Mme. Tanner, em vez de ser uma beldade americana até à velhice, resolveu, do nada, transformar-se numa espécie de palito americano e assim perder as suas belas formas e faculdades mentais, mostrando que, embora fosse ainda adequada para mais adestramentos, se tinha tornado completamente inadequada para a vida conjugal. O Dr. Tanner pediu o divórcio. Vieram a sua casa sábios especialistas que examinaram Mme. Tanner de todos os ângulos, a aconselharam a ir para termas, a fazer ginástica, que lhe prescreveram uma dieta e que acharam a pretensão do seu estimado colega perfeitamente legítima. O Dr. Tanner deu a cada um dos seus colegas especialistas um dólar, ofereceu-lhes o pequeno-almoço e, ... desde então, Tanner vive num lugar e a sua esposa noutra. Uma história bastante triste! Mulheres, quantas vezes sois vós a causa dos infortúnios de grandes homens! Mulheres, não será que sois vós as culpadas pelo facto de grandes homens muitas vezes não deixarem descendentes? Portugueses, a educação das vossas filhas está nas vossas mãos! Não façais de vossas filhas destruidoras de lares e ninhos!! E eis que chegamos ao fim. A edição de amanhã, devido ao aniversário do redator, não será publicada. Portugueses! Quem, de entre vós, ainda não tenha pago a sua subscrição na totalidade, que se apresse a pagar tudo!”

— Pobre Mme. Tanner! — murmurou Amaranta, após ter passado os olhos a correr pela história. — Coitada! Como ela é infeliz! Oh, que feliz eu sou comparada com ela! Que feliz eu sou!

Amaranta, feliz por haver no mundo pessoas mais infelizes do que ela, dobrou cuidadosamente a folha de jornal, colocou-a na caixinha e, regozijando-se por não ser Mme. Tanner, despiu-se e foi dormir.

E dormiu ela até que foi despertada pela mais terrível das fomes na pessoa de Afonso Zinzaga.

— Tenho fome! – disse Zinzaga. — Veste-te, minha querida, e vai à tua *madre*¹¹ buscar dinheiro. *À propos*¹², peço-te desculpa. Eu estava errado. Só agora fiquei a saber da boca do escritor russo Derzhavin, que veio com Lermantoff, outro escritor russo, que há dois romances, completamente diferentes um do outro, que têm o mesmo nome: *Um Sonâmbulo no Meio do Oceano*. Vai lá, minha amiga!

E Zinzaga contou a Amaranta, enquanto ela se vestia, um acontecimento que ele mencionava descrever, dizendo de passagem, entre outras coisas, que a descrição desse acontecimento, que toca a alma e o corpo, exigiria dela algum sacrifício.

— O sacrifício, minha amiga, será pequeno! – disse ele. — Tu terás de escrever essa descrição, que será ditada por mim, o que não te tomará mais do que sete ou oito horas, e reescrevê-la a limpo e, entre outras coisas, assim só de passagem, redigir em papel a tua opinião sobre todas as minhas obras... Tu és mulher e a maioria dos meus leitores são mulheres...

Zinzaga mentiu um pouco. Não a maioria, mas sim todos os seus leitores se reduziam apenas a uma mulher, já que Amaranta não podia ser designada como “as mulheres”, pois ela era apenas “uma mulher”.

— Concordas?

— Sim, disse Amaranta em voz baixa, empalidecendo e caindo sem sentidos em cima do já quase desfeito dicionário enciclopédico, eternamente pousado e cheio de pó...

— Que gente espantosa, estas mulheres! – exclamou Zinzaga. — Eu estava certo quando, em *Mil Paixões*, qualifiquei a mulher como uma criatura que, para sempre, será um mistério e uma surpresa para a raça humana! A menor alegria pode atirá-la ao chão! Oh, nervos femininos!

E o feliz Zinzaga ajoelhou-se ante a infeliz Amaranta e beijou-a na testa....

¹¹ [NdT] Em espanhol, no original.

¹² [NdT] *À propos*, a propósito. Em francês, no original.

É assim, leitoras!

Sabem que mais, donzelas e viúvas? Não se casem com artistas! “O diabo que os carregue, a esses artistas!”, como dizem os *kebokbli*¹³. Donzelas e viúvas, é melhor viver algures numa tabacaria ou a vender gansos no mercado, do que viver no melhor dos quartos do “Cisne Venenoso”, com o melhor dos protegidos do Conde Barabanta-Alimonda.

Palavra que é melhor!

Referências

- Chudakov, A. (2000). Dr Chekhov: a biographical essay (29 January 1860-1 5 July 1904). In Vera Gottlieb, & Paul Allain (Eds.), *The Cambridge companion to Chekhov* (pp. 3-17). Cambridge University Press.
- Proyart, J. (1992). Tchekhov et Daudet. In Jean Bonamour (ed.) *Tchekhoviana: Tchekhov i Frantsiya*. <https://bit.ly/3MIXT7u>
- Tchekhov, A. (1889, 22 de fevereiro). Carta a I. Orlov. <https://bit.ly/4dD51Yx>
- Tchekhov, A. (1890, 9 de março). Carta a A. Suvorin. <https://bit.ly/3SHMi9>
- Tchekhov, A. (1974). *Zapisnaya Knizhka I*. <https://bit.ly/3yJACc9>
- Tchekhov, A. (2018). *Yumoristicheskiye passkazy*. EKSMO.
- Whyman, R. (2011). *Anton Tchekhov*. Routledge.

¹³ [NdT] Etnónimo coloquial e depreciativo, usado para designar os habitantes da Malorussia, um conjunto de territórios, localizados no sudoeste do Império Russo.